

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil

Class.: 1173

Data: 10.10.75

Pg.: _____

**Posseiros em Mato Grosso
ficam sem acesso à estrada
e temem ataque xavante**

18 10. 10. 75

Aldeia Xavante do Kuluene, Mato Grosso — Habitados a viver sem as limitações impostas pelo branco, os 600 xavantes que vivem à margem esquerda do rio Kuluene derrubaram a ponte que liga o povoado de Novo Paraíso à única via de acesso terrestre para Barra dos Garças a 350 km. Os posseiros vizinhos temem um ataque, a qualquer momento, e reclamam que a estrada está bloqueada aos veículos que trazem alimentos e equipamentos para a lavoura.

Representantes da Funai e da Polícia Federal visitaram ontem, mais uma vez, a aldeia xavante e promoveram um encontro entre o cacique Abrão Rumori e os líderes do povoado. A reunião, entretanto, acabou em recíproca troca de acusações, enquanto em Novo Paraíso o dono do único armazém — com os estoques esgotados — adverte que "estamos sitiados". Os índios afirmam que destruíram a ponte para evitar novas invasões de terras por brancos.

CEMITÉRIOS VIOLADOS

Normalmente alegres, habituados e reverenciar seus mortos, a caçar e pescar sem interferências, os xavantes alteraram profundamente o seu comportamento nos últimos meses. Pronunciam com grande frequência as duas palavras que estabelecem os estreitos limites de suas relações com o homem branco: *suedi* (amigo) e *suera* (inimigo).

A tensão que o cacique Rumori não esconde, e que se estende a toda a tribo, é a mesma que vivem as 100 famílias do povoado, situado a 8 km da aldeia e a apenas 500m do cemitério indígena que os brancos violaram. As ossadas dos antepassados xavantes misturaram-se agora aos troncos da selva derrubada pelos posseiros.

De ambos os lados há grande expectativa. Nem o delegado da Funai nem o chefe da divisão da Polícia Federal, que retornaram ontem mesmo a Cuiabá, deixaram a aldeia com alguma solução. Os xavantes reclamam das queimadas que destroem a natureza, espantam a caça; da invasão de suas terras e da profanação dos seus cemitérios.

Os posseiros, embora temendo um conflito armado, não aceitam abandonar as terras para que a Funai ali instale sua nova reserva. "Para onde iremos?" — perguntam, não considerando que a Funai já lhes garantiu que o INCRA fornecerá outra área, longe dali, que será distribuída "equitativamente."

PREFERÊNCIA DE POSSE

A maioria dos posseiros (alguns chegaram à área

há 16 anos) acreditam que o direito à posse da terra baseia-se na antecipação da chegada: "chegou primeiro é dono." De acordo com a Funai, no entanto, "se o negócio é de quem chegar primeiro, a razão está do lado dos índios, pois, há séculos, seus ancestrais aqui se instalaram", afirma o sertanista Jamiro Batista Arantes.

AMEAÇA

Mas, enquanto posseiros temem, índios ameaçam e soltam-se acusações de parte a parte, o chefe de polícia local — chegado ao povoado há 30 dias — exhibe um documento no qual explica, falando por todos, que "não é verdade que hajam conflitos entre índios e posseiros. Entre nós existem agitadores interessados em provocar atritos e, quem sabe, até subversivos."

Mas, não considerando isso, os representantes da Funai e da Polícia Federal dedicam muita atenção à sinceridade do índio. O chefe Rumori, em seu primeiro encontro ontem — após vários dias de afastamento — com um dos mais bem sucedidos posseiros da área, Ildefonso Vilella de Moraes, queixou-se que o branco o havia ameaçado, há dias, com um revólver, chegando a fazer disparos em sua direção.

Classificada pelo colono como "mentira", a história provocou imediata reação do cacique xavante: "senhor não deve brincar com xavante. Xavante não diz mentira. Se índio ataca pode matar tudo. Com este aqui (exibe um *brudu*, espécie de tacap) eu bato cabeça. É um só."